

Alfredo e Barnabé

Inácio Rebelo de Andrade*

1

Diz-se que «ninguém foge ao seu destino». A sentença está escrita em muitos livros, é repetida por muitas vozes, e até Amália Rodrigues a cantou num fado que ficou célebre.

Mas há gente que discorda; voluntariosa por natureza, de antes quebrar que torcer, refere a propósito que isso de ter um destino marcado, uma sina para cumprir, é desculpa dos tíbios e dos fracos, que não dispõem de coragem para enfrentar as contrariedades da vida. Do seu ponto de vista, o êxito não é uma dádiva gratuita, espécie de oferenda de Deus, mas algo por que se luta, meta que se persegue, bem que se conquista, cada pessoa devendo empenhar para o efeito todas as suas capacidades. Aqueles que muito tiveram porque muito se esforçaram são a prova do facto.

Prova certamente discutível..., porque quem acredita no destino marcado poderia recordar também aqueles que porfiaram e não alcançaram, acabando a existência na «apagada e vil tristeza» de que Camões fala com conhecimento de causa.

Bom, isso é polémica que não vai ser aqui deslindada nem preocupa o autor desta história.

2

Por razões diversas, umas que tiveram a ver com os rendimentos auferidos pela família, outras com a aplicação que puseram nos estudos, Alfredo e Barnabé chegaram aos cinquenta anos de idade com qualificações profissionais e situações

* Professor Universitário e Escritor.

económicas diferentes: Alfredo foi para a Universidade e licenciou-se em engenharia química; Barnabé ficou-se pela escolaridade obrigatória da época. Cada um se casou e foi viver para Oeiras: o primeiro numa moradia com jardim à volta, o segundo num apartamento de renda modesta. Os dois iam todos os dias trabalhar para um laboratório de produtos farmacêuticos.

Depois de um duche refrescante, de um pequeno almoço bem pausado e bem servido, Alfredo entrava no automóvel, ligava a chave de ignição, apontava para a Avenida Marginal e partia para Lisboa. Barnabé desajejava à pressa, de olhar atento ao relógio de parede que ficava por cima do frigorífico da cozinha, revelando bem o receio de perder o combóio para o Cais do Sodré. Chegava aí e punha-se logo a correr para a bicha do autocarro onde devia seguir até ao local de trabalho.

Instalado num edifício de dois pisos, nas imediações de Sacavém, o laboratório tinha ao seu serviço um quadro diversificado de recursos humanos, que compreendia duas categorias de pessoal: a dos farmacêuticos, engenheiros e biólogos, mas também a dos técnicos auxiliares, preparadores e contínuos. Diferentes nas designações, as duas categorias distinguíam-se também pelas funções que exerciam, bem como pelas remunerações salariais respectivas. O que não tinha nada de especial nem devia espantar ninguém...

Alfredo e Barnabé trabalhavam juntos, na mesma «equipa», como ambos gostavam de dizer: o primeiro dirigindo a secção de controlo de qualidade dos fármacos, o segundo cuidando de manter o equipamento em condições adequadas de funcionamento. Davam-se bem, trocavam até entre si algumas confissões íntimas, mas sempre com o maior respeito, nenhum pondo nunca em causa, nem o tratamento, nem a posição hierárquica que lhes cabia.

Alfredo cumprimentava:

– Bom dia, Barnabé.

Barnabé correspondia:

– Bom dia, Senhor Engenheiro.

O mesmo sucedia todas as manhãs, quando os dois vestiam já a bata azul celeste e se encontravam pela primeira vez em frente das retortas e dos tubos de ensaio.

Alfredo tomava a iniciativa:

– Bom dia, Barnabé.

Barnabé retribuía:

– Bom dia, Senhor Engenheiro.

Era como num disco rachado, onde a agulha salta e volta atrás, repetindo continuamente:

– Bom dia, Barnabé.

– Bom dia, Senhor Engenheiro.

3

Alfredo era um homem religioso. Católico de comunhão frequente, bom marido e bom pai, trazia no dedo anelar uma dezena comprada em Fátima, por onde desfiava os mistérios do terço que rezava diariamente. Fazia isso com descrição, não por respeito humano, mas porque achava que ninguém tem o direito de impor aos outros as suas convicções. Ainda assim, consideravam-no um «beato», um «papa hóstias», que «está de bem com Deus porque está de bem com a vida...»

Quem repetia a frase venenosa era um fiel de armazém, que parecia estar zangado com toda a gente, os olhos miúdos piscando raivas que não conseguia esconder. Pai de uma caterva de filhos, endividava-se todos os meses para dar de comer à família.

Alfredo sabia do comentário, mas não reagia. Tinha de compreender... Como levar a mal o desespero de alguém que não ganhava sequer para pagar à mercearia?...

Alfredo não era só um profissional competente, mas ainda um leitor incansável, sempre de livro na mão. Lia tudo, não importava em que língua: obras da sua especialidade, como outras mais estimulantes, de ficção ou não. Tinha um gosto especial pelas biografias, e fora por causa dessa preferência que ficara a saber tim-tim por tim-tim a vida de homens ilustres como Alexandre Magno, Júlio César, Napoleão, São Francisco de Assis, Santa Teresa de Ávila, São João de Deus.

Quando queria animar alguém abalado por um infortúnio, lembrava a propósito:

– Fulano... (ou Beltrano... ou Sicrano...) não se deixaria abater por tal adversidade.

Lembrava ocorrências, recordava episódios, descrevendo ao pormenor como cada um procederia em situação semelhante.

4

Barnabé não era dado a leituras tão volumosas. Lia os jornais desportivos como «A Bola» e o «Record», satisfazendo aí toda a sua curiosidade sobre o que acontecia no mundo. Se não sabia ao certo quem foram Júlio César ou São Francisco de Assis, era capaz de repetir sem lapsos o nome completo, a idade, os golos que Jardel e João Pinto (as «estrelas» do seu Sporting) tinham marcado neste ou naquele desafio, contra este ou aquele adversário.

Ainda que pouco dado à leitura, era um homem de espírito crítico, reportório inesgotável de histórias e anedotas, que contava como só ele sabia. Antes de cada

desfecho, interrompia a descrição, passava a mão pelo rosto, fingia que gaguejava, punha o auditório em suspenso. Com o ar mais sério do mundo, concluía por fim. Um artista acabado, que nem o Herman José!...

Barnabé fazia da sua vida uma alegria permanente. De bem consigo mesmo, sem ambições maiores, aceitara com resignação muitas injustiça de que fora vítima. Que remédio!...

Ele próprio se consolava:

*Barnabé, Barnabé,
aguenta-te de pé!*

Ou então:

*Barnabé, Barnabé,
Tu sabes bem como é...
Este mundo é o que é...*

5

Auxiliar Técnico de 2ª Classe, com esta filosofia e mesmo sem esperar muito do futuro, Barnabé mantinha a esperança de ser promovido um dia à categoria de Auxiliar Técnico de 1ª Classe. Que diabo!... Havia mais de dez anos que não ascendia no quadro de pessoal, enquanto outros colegas mais novos e menos competentes lhe passavam à frente. Era o costume, o critério da «cunha»...

Com ironia e amargura na voz, explicava então com duas metáforas o que pensava dessa «cunha» eficaz. Era assim: aquele que a tinha levantava voo como um avião na pista; se a não tinha, ficava em terra como uma pata choca... Tão certo e seguro como dois e dois serem quatro.

Toda a gente achava graça e concordava com a comparação, até mesmo engenheiro Alfredo, que comentava «é isso», «é isso mesmo», «é isso precisamente», mas não usava da sua influência para alterar a situação.

6

Nesse ano especial de mudança de milénio, ou porque achou que já era tempo, ou já não tinha concorrente com que competir, Barnabé convenceu-se de que seria finalmente promovido.

Mas não foi.

Em vésperas de Natal, numa circular distribuída por todo o laboratório, a Direcção da empresa referiu em letra garrafal DIFICULDADES ORÇAMENTAIS e

CONTENÇÃO NAS DESPESAS, que vinham obrigar à INDESEJADA MAS URGENTE NECESSIDADE DE NÃO PROMOVER NINGUÉM.

Engenheiro Alfredo quis consolar Barnabé, mais uma vez preterido, agora não a favor de A ou de B, mas de imperativos financeiros.

Conhecedor profundo e leitor assíduo da Bíblia, falou de Job: de como este escolhido de Deus, que era rico e feliz, perdera tudo o que tinha (ele que tivera tanto!), sem nunca protestar contra o seu infortúnio. Que exemplo melhor de coragem e desprendimento? Que testemunho maior de que o Senhor provava especialmente os filhos mais amados?...

Barnabé ouviu, ouviu, ouviu, mas não se conformou dessa vez.

Perdendo a noção das conveniências, com os olhos fitos no vago, observou:

– Pois é, Senhor Engenheiro, pois é... No meio de tanto sacana que anda pelo mundo, coube-me logo a sorte desse Job desgraçado...